

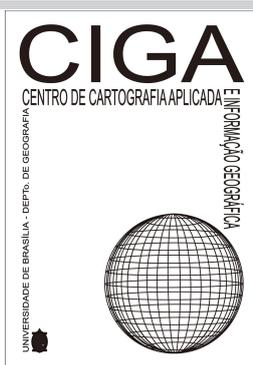
# Artigo

## TERREIROS: UMA EXPRESSÃO ANCESTRAL

VANDA MACHADO

p. 141 - 154

### Revista



Revista Eletrônica:  
Tempo - Técnica - Território,  
V.10, N.1 (2019), 141:154  
ISSN: 2177-4366

DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v10i1.27270>

Data de envio:  
16/05/2019  
Data de aceite:  
03/09/2019

Como citar este artigo:

Machado, V.; TERREIROS: UMA EXPRESSÃO ANCESTRAL. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.10, n.1 (2019), p. 141:154  
ISSN: 2177-4366. DOI: <https://doi.org/10.26512/ciga.v10i1.27270>

Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/ciga/>

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

# TERREIROS: UMA EXPRESSÃO ANCESTRAL

VANDA MACHADO

Doutora e Mestre em Educação e Cultura pela UFBA. Professora colaboradora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Criou o Projeto Político Pedagógico Irê Ayó na Escola Eugenia Anna dos Santos no Ilê Axé Opô Afonjá, propiciando o reconhecimento da escola como Referência Nacional pelo MEC.

E-mail: [vandamachados@yahoo.com.br](mailto:vandamachados@yahoo.com.br)

**RESUMO:** A realização de um texto, cuja principal pretensão seja expressar a singularidade, a magnitude e o legado de negras e negros escravizados deve ser apresentada para além de uma história da vitimação e da submissão. O processo de escravidão não nos aniquilou, ao contrário, nos fortaleceu e continua a nos revelar caminhos de ânimo e, como tal, nos planta no presente com os olhos no futuro. Este ensaio discute o sentido da convivência da família de santo no terreiro, os ensinamentos das mais velhas e velhos como ato político de criatividade e resistência, carecemos, confiantes de pensar nos contrastes, nas desordens e nas necessidades que nos põem de vigília cuidando do nosso lugar.

**Palavras chaves:** Criatividade, Resistência, Consciência histórica e Insubmissão.

**ABSTRACT:** The realization of a text whose main claim is to express the uniqueness, magnitude and legacy of enslaved blacks and blacks must be presented beyond a history of victimization and submission. The process of slavery did not annihilate us; on the contrary, it strengthened us and continues to show us paths of mind and, as such, plants us in the present with our eyes on the future. This essay discusses the meaning of the coexistence of the saint's family in the terreiro, the teachings of the older and the older as a political act of creativity and resistance, we lack confidence in the contrasts, disorders and needs that put us on watch for our place.

**Keywords:** Creativity, Resistance, Historical Consciousness and Insubmit.



**Foto: Comunidade Quilombola do Kaonge, Cachoeira, Bahia. Vanda Machado, 2014.**

O lugar está contido em um espaço formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistema de objetos e sistemas de ações não considerados isoladamente, mas como um quadro único onde a história se dá. O conceito de lugar tem sido alvo de debates e, conseqüentemente, tem alcançado ampla significação. Para pensar o terreiro, valho-me da definição que associa o lugar à paisagem cultural que o contém. Sou mulher negra, pesquisadora e Ebome do Ilê Axé Opo Afonjá, filha de Oxum com Ogun e feita por Mãe Stella de Oxóssi. Há trinta e cinco anos, cheguei ao terreiro como estudiosa, buscando autorização para realizar uma pesquisa e efetivar uma dissertação de mestrado na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

As primeiras vezes em que visitei um terreiro de candomblé percebi a imensa força da tradição como representação ritual e cerimonial de matriz africana que me preencheu com a aproximação da sua conformação espacial, as construções, sua música, dança, toques, os seus trajés, cores e modos de ser que, aos poucos, foram preenchendo meus vazios antes desconhecidos. Estas estruturas foram transmitidas fenomenologicamente de geração em geração por meio do axé e da inteligência do corpo humano. O corpo que fala, canta e dança e a perspectiva do diálogo com as nossas religiosidades indicam a

possibilidade de substituir a ideia do excêntrico e do exótico pela constatação da existência da prática religiosa que tem a sua origem multirreferencializada nos princípios e valores nascidos nos primórdios da civilização africana e que preenche todo espaço terreiro, que vai da porteira ou do portão de entrada até onde sua vista não alcança. O terreiro é um ambiente sagrado repleto de objetos também sagrados. Acrescentem-se, portanto, todos os compartimentos fechados ou abertos, fontes, árvores e o mato circundante, tudo é sagrado.



**Foto: Zogodo.Bogum Malê Rundo em Imagens. O Jêje na África. Dahomey. Autor desconhecido.**

Certo dia, encantada e com o coração aos pulos, atravessei, parcimoniosamente, a porteira do Afonjá e logo me senti acolhida por cada árvore e envolvida pelas paredes brancas e as portas e janelas abertas da casa de Xangô. Algumas pessoas estavam sentadas nos largos sofás vermelhos à espera de Mãe Stella para solicitar o jogo de búzios. Eu não entrei logo. Da varanda, era possível distinguir, sobre a mesa de jantar, ao invés de pratos e comidas, retalhos de tecidos coloridos, cola, tesoura, agulhas, botões, material metalizado, dourados e prateados, linhas, arame, continhas, elástico, fitas, rendas, tesoura, alicates, galões e bonecas pretas inacabadas. Na ponta da mesa, uma boneca preta pronta a ser vestida. Restava saber quem trabalhava naquela mesa produzindo bonecas? E por que bonecas pretas?

Logo, entra pela varanda uma simpática senhora negra, de cabelos bem curtos, quase todo branquinho, usando óculos muito fortes. Andava como se ninasse seu próprio corpo. Um vestido largo, estampado com flores vermelhas, lhe imprimia a aparência de uma antepassada, voltando impregnada de intuição, poesia e narrativas, disposta ao que poderíamos traduzir como verdadeiros passeios filosóficos. Naquele dia, a velha egbome de Xangô entra silenciosamente no quarto da mãe de santo e pede-lhe a benção, volta e senta-se em frente à mesa, retomando seu trabalho como que obedecendo a um ritual. Jovens abians da casa se aproximam em silêncio. Ela começa a vestir uma boneca, contando baixinho uma das suas histórias de orixás. Uma história de Oxum. Sua fala tranquila se assemelhava a um discurso e poderia ser inspirada no pensamento Junguiano caso o conhecesse ou tivesse qualquer notícia dos seus estudos. Mas, na verdade, trata-se da fala de uma pessoa que se autorizava a dizer verdades revestidas de sabedoria e de um didatismo invejável, herança de cinco gerações. Mãe Stella foi a quinta Iyalorixá do Ilê Axé Opo Afonjá. Os antigos ensinaram modos de ser e de convivência a seus filhos através de histórias míticas e do mundo tangível, penetrando numa realidade que não incluía, necessariamente, o aspecto religioso. Eram apenas formas de ensinamento para a vida.

Dona Detinha pede à iniciada mais jovem que se aproxime. - Você é de Oxum, não é? Respondeu que sim. - É bom você saber como é o seu orixá, a dona de sua cabeça e de sua vida. Parte de sua vida carrega a energia de Oxum que é vaidosa, delicada, não gosta de escândalos nem maledicência. É a senhora das águas doces. Sua dança é leve como um vento embalando as águas tranquilas do rio. Em seguida, põe uma saia amarela de tecido dourado na boneca negra. Põe colares, anéis, brincos e enfeites de bicos e renda. - Oxum é Ayabá, orixá feminino, mãe de todos nós. Gosta de joias e de tudo que é bonito. Oxum cuida das crianças desde a sua concepção até quando aprendem a falar. É neste momento que se apresenta o orixá que vai cuidar desta criança toda vida. Oxum é protetora das casas, das famílias e das mulheres grávidas. É a maternidade encantada. Sabe por que Oxum usa este espelho chamado *abebé*? O espelho não é para ficar admirando a sua própria beleza, serve como instrumento de iluminação para que Oxum veja tudo que está a sua volta e defenda a vida de seus filhos e filhas em qualquer situação. Oxum é líder por excelência. É uma Ialodê e vou contar uma história deste orixá que está sempre cuidando das nossas necessidades.



**Foto: Mãe Detinha de Xangô e suas bonecas. Ilê Axé Opo Afonjá, Salvador, Bahia. 2010, Agenor Gondim**

Conta-se que, percebendo a dificuldade de seu povo, ela foi ao rei pedir providências. Lá começa a clamar, perguntando ao rei se era justo ele viver entre tantas riquezas e seu povo viver tão mal? Não sendo recebida no palácio do rei, Oxum foi a sua comunidade, reuniu todas as mulheres e voltou ao palácio com muita dança e cantoria. E lá foi iniciado um grande xirê. A cantiga com a dança se repetiu muitas vezes até o momento em que o rei ordenou: - Entregue tudo que esta mulher está pedindo, afinal ela quer mesmo é ajudar o seu povo. Assim foi dito e assim foi feito. Oxum recebeu tudo que pediu a seu rei, entregou a sua comunidade e ficou sendo para sempre a senhora que distribui riquezas.

O tempo foi passando e Dona Detinha ficou bem mais velhinha e um dia foi se encontrar com Olorum. Eu nunca me afastei de suas lições, antes nunca interrompidas. Na sua missão de ensinar, conseguiu retirar da sua arte sagrada os sentimentos que afetaram as nossas identidades, as nossas convivências e aprendizagens rituais. O encontro, aparentemente aleatório, já fazia parte do rito de iniciação, fundamental para compreensão e convivência comunitária que vai durar a vida inteira. Entende-se, assim, que *o logos*, como a academia defende o que é eficiente e racional, mas não consegue

realizar a experiência de nos tornar pessoas inteiramente humanas. A mitologia, ao contrário, é uma forma de arte que invade nosso ser, espalhando emoções como partículas de sabedoria ancestral. As bonecas de Dona Detinha de Xangô contam histórias que são tecidas com a alegria que dá sustentação a uma religião que, além de humanizante, é interdependente, na qual cuidar, ser cuidado, dar e receber é a regra. Foi assim que cada palavra de Dona Detinha é, para mim, como miçangas preciosas, que fui juntando até se transformarem num colar de contas consagradas à Oxum que hoje carrego perto do coração, porque é o que me dá identidade e compõe meu jeito de ser na minha comunidade e no mundo.

As marcas africanas encontradas nos terreiros é que nos imprimem um jeito singular de compreensão do nosso sagrado. Temos um jeito de estar no mundo e de nos relacionar com os diversos elementos da natureza, sacralizando ambientes de referência, convivendo com antepassados, redimensionando a cultura da família extensa que mantém acesa a chama trazida do outro lado do Atlântico. Para o *povo de santo*, é o antepassado comum que nos planta, nos confere a identidade religiosa e a consciência mais profunda da nossa origem sem perder de vista as demandas contemporâneas que nos impinge a sociedade, ainda como consequência do regime escravagista.

Trata-se de valores de etnias africanas que estão representadas no Brasil de diversas formas culturais no que diz respeito a suas histórias, a sua sagrada geografia, rituais, linguagens, cantos, danças e ritmos. São comportamentos do cotidiano que há cinco séculos vão passando de geração a geração, recriando e atualizando o legado de acordo com as necessidades contemporâneas.

Portanto, é o discurso da fenomenologia que nos oferece elementos suficientes para fazer uma comparação entre a compreensão europeia das capacidades do corpo humano e a episteme diaspórica africana deste mesmo fenômeno. Os terreiros, como os quilombos, se fundamentam como territórios tradicionais e são símbolos de resistência e de identidade negra. Com este argumento, se acende a necessidade de vencer a inconsciência política que determina o conhecimento histórico de negras e negros antes desterrados do continente africano, depois banhados no esquecimento ou na ignorância do próprio passado. Custou muito caro cada negra e negro escravizados. Tão dispendioso porque vieram os melhores, os mais fortes e inteligentes e, principalmente, líderes e guerreiros, como forma de imobilizar aqueles que ficaram no Continente Africano.

Dentre os motivos que fizeram com que o europeu conseguisse subdesenvolver o continente africano está a constatação de que agricultores, ferreiros, construtores, mineradores e detentores das mais avançadas tecnologias da época podiam ser utilizados para o desafiante desenvolvimento do *mundo tropical*. Acrescente-se o fato de que os artesãos sabiam trabalhar com metais e com arte da escultura de ferro e de madeira entalhada, fazeres importantes dentro e fora do continente africano. As mãos escravizadas plantaram e colheram café, cana-de-açúcar, extraíram ouro e diamante, construíram casas e palácios, lavaram e amamentaram com seu sangue filhas e filhos brancos do senhor. Também compuseram música clássica, cantaram e dançaram para distrair as sinhazinhas.



**Foto: Antigos escravos. (Domínio Público)**

A escravização de africanas e africanos foi muito além do esperado pelo dominador no território brasileiro. As populações africanas adaptaram as técnicas pré-capitalistas da mineração, a medicina, a nutrição, a agricultura, a arquitetura, a pecuária, a metalurgia, a cerâmica, as estratégias militares e a construção, assim como a elaboração de uma

língua portuguesa africanizada. Mas, apesar disso, para os europeus, eles eram apenas negros escravizados para criação das riquezas que construíram a nação brasileira.

Ainda hoje indagamos, que história existe para contar sobre os que vieram e as possibilidades efetivas para o equilíbrio entre os fundamentos da religião, a ética e todas as coisas e tudo que resguarda no terreiro como espaço político? Ao longo da colônia brasileira, e até hoje, o terreiro é o lugar onde se criam liberdades, onde negros e negras ainda se reúnem em busca da sua origem ancestral, empoderamento e consciência histórica. Não nos causa espanto que, no Brasil, este novo espaço africano pudesse nascer como matriz, pronta para acolher seus filhos, filhas com seus deuses e deusas, suas práticas e costumes reterritorializado. Também não surpreende que uma líder de comunidade negra pudesse surgir e atuar no contexto nacional brasileiro. Neste caso, não estamos falando apenas de Mãe Aninha do Afonjá. Ela não foi a única a liderar um terreiro como gestora e mãe, agregando filhos e filhas das mais diversas etnias como uma família cuja origem está na ancestralidade africana. Os Bantos chamavam seus deuses de Inquice, os Jejes chamavam de Vodum e os povos iorubanos chamavam os seus deuses de Orixás. São muitos os deuses africanos, também são reconhecidos como divindades do fogo, do ar, da terra, das folhas, do arco-íris, dos metais, das agriculturas do trovão e do tempo. Existem ainda deusas das matas, dos ventos, das águas doces, das águas salgadas, dos rios, da chuva, das águas profundas e das cachoeiras. Considerando desse modo, constatamos o quanto é difícil e desnecessário introduzir para estranhos a compreensão dos fundamentos da religião.

Estranhos é todo aquele que não tem convivência nem está preparado espiritualmente para compreender nada mais do que o visível sem muita elucidação. Isso vale também para frequentadores assíduos, simpatizantes ou visitantes interessados pela história e cultura do lugar.

Impossível fazer compreender a força mágica do axé e o conhecimento sobre essa força que é indescritível. Os segredos e fundamentos são vivenciados nos rituais privados, na sutileza dos toques diferenciados, nos cantos, danças, cores e interferências quase imperceptíveis e que nada acrescentariam como informação aos não praticantes da religião.



**Foto: Dona Cadu, ceramista no Recôncavo da Bahia, Cachoeira, Bahia, 2019. Vanda Machado**

Antes de entrar no navio negreiro, homens e mulheres atendiam ao ritual de esvaziamento da alma e da perda da cultura matricial africana dando voltas em torno da *árvore do esquecimento* antes do batizado compulsório que lhes trocava seu nome ancestral por um nome de santo da igreja católica. Interessante é que o que poderia causar uma lesão cultural irreparável se recria e, justamente nessa circunstância, faz nascer uma forma de religião que transcende a todas as impossibilidades de agregação. Nasce a família ancestral. Nasce a *família de santo* numa elaboração de crenças e culturas,

Pensar a cultura nos terreiros é pensar a reterritorialização de negras e negros africanos no Brasil. Naturalmente que o terreiro de candomblé não é um espaço físico africano, entretanto o espaço sacralizado pela presença imanente das ancestralidades não é apenas o espaço simbólico-cultural, é a matriz e é exatamente o lugar de origem e o que representa. É o sagrado lugar das entidades protetoras da casa e das pessoas. As práticas religiosas escapam às dimensões restritas do sagrado e invadem todas as esferas do cotidiano. Na impossibilidade de trasladar suas instituições sociais, os afrodescendentes recriaram os terreiros como sínteses de várias instituições sociais africanas. Ponderando desse modo, a história do povo brasileiro começou bem antes das caravelas de Cabral. Primeiro, há evidências científicas de que o território brasileiro era habitado há mais de

30 mil anos. Depois, entende-se que o passado remoto do povo brasileiro está no continente africano o que não exclui a presença europeia na paisagem cultural do Brasil. Mesmo porque as redefinições identitárias só se constroem na relação com a alteridade. É justamente o diferente que ilumina a nossa identidade. O fato é que, diante da escravização, ao invés do ódio pelo dominador, negras e negros criaram uma instituição baseada numa cosmovisão onde o que conta são os laços da solidariedade pelo sentido da família que hoje faríamos a relação com a condição ubuntu.

Os terreiros surgiram da diferença que separa o dominador dos afrodescendentes escravizados. Surgiu da rebeldia de mulheres negras e pobres que protagonizaram o confronto com a sociedade branca e patriarcal, criando um espaço iniciático, também uma cultura política para a liberdade. É certo que a partir do momento em que a pessoa é iniciada, amplia seus conhecimentos ontológicos, míticos e comunitários e está envolvida em dimensões formadoras de uma rede que afeta a proteção, o conhecimento de si mesmo, os preceitos da comunidade e a possibilidade de assumir papéis representativos na própria comunidade com cargos e postos pré-existentes pela casa mãe. A iniciação é, portanto, a entrada no espaço sagrado que define a plena integração aos olhos da comunidade que acolhe cuidadosamente como o novo membro da família ancestral.

No continente africano, o conceito de família é amplo e tão afetivo quanto biológico. A antiga dimensão da família inclui todos os mais velhos como pais e todas as mais velhas como mães da comunidade. É justamente essa marca cultural que recria nas comunidades de terreiros a marca da luta pela permanência da alma africana no sentido agregador e necessário para que a cultura se transformasse em religião no Brasil. O terreiro, o ilê axé, as *casas de santo* nascem também como uma das possibilidades de reterritorializar a cultura, refazendo a matriz cultural vivida no outro lado do Atlântico. Através do patrimônio simbólico reterritorializado, vincula-se à família, ao culto, as deusas e deuses africanos, o lugar do convívio de diferenças sem a perda das individualidades. É a perspectiva de um lugar que é comum a todos e a todas como convivência familiar simbolizados em diversos contextos nos terreiros. A foto da árvore traz o significado da entidade Tempo, representando a nossa ancestralidade recriada de todas as crenças negras que se tornaram mestiças também em contato com os caboclos donos da terra do Brasil.



**Foto: Árvore representando Inquice Tempo, Terreiro Mokambo, Salvador, Bahia, 2019. Vanda Machado**

A árvore como ancestral é o que simboliza. Trata-se do Inquice Tempo. Todos esses panos presos a árvore somos nós, todo povo de santo que nós mostramos irmanados e nos protegendo mutuamente. As comunidades-terreiros, na verdade, são muito parecidas com quilombos ambos protegidos pelo segredo, pelos mistérios e reverência que a religião inspira e por se tratar de comunidades tradicionais com a criação dos terreiros,

recompõe-se o berço ancestral, síntese do continente africano, com uma religião onde etnias e crenças se organizaram num processo de adaptação cultural representado num espaço de significado infinitamente mais amplo do que o espaço na sua existência concreta. Nas comunidades de terreiro, uma multiplicidade de símbolos culturais se juntam e recriam a memória e a história africanas, construindo outras histórias, as histórias do lugar. Na história de cada comunidade de terreiro, tudo tem importância fundamental e o símbolo é o que representa e importa. Cada terreiro tem a sua história de origem e celebra suas entidades de forma singular. São histórias que se repetem em forma de festas e rituais, transformando o ânimo das pessoas nas comunidades de matriz africana. Celebrar é a forma legítima de agregar, contar histórias da memória e da vida das comunidades. O nascimento das celebrações e manifestações culturais negras retratam a pluralidade e a hibridez da cultura afro-brasileira. As celebrações recriam e agregam pessoas mantendo afetos, reavivando a família ancestral, sem perder de vista a forma de resistência e de luta pela liberdade.

O terreiro é o lugar de onde brota um sistema complexo, dinâmico e interrelacional. Por consequência, pode até mesmo acionar ou ser acionado quando atacado na sua tradição e nos alicerces da religião que é afro-brasileira. A relevância está na consideração de fatos e eventos relacionados à diversidade cultural, à memória coletiva e à religião na medida em que nos legitima como Comunidade Tradicional. Isto significa que a afirmação da nossa consciência histórica se junta aos saberes indígenas e ao pensamento africano recriado na diáspora e que se traduz em forma de religião.

Importante considerar ainda que hoje a legislação sobre Comunidades Tradicionais vem sendo tratada com grande consistência, estabelecendo estruturas de proteção jurídica aos diversos elementos culturais do lugar. Neste contexto, se lastra o respeito que organiza a comunidade, apontando para a solidariedade que potencializa o sentido mais amplo e que nos lembra a história da nossa origem como povo de procedência africana e construtor das riquezas deste país. Isto nos traz uma consequência positiva no que diz respeito ao encontro das leis com o entendimento dos fundamentos da religião, que é do domínio do *povo de santo*. Outra vantagem é a abertura de espaço para novas formas de pensar as ciências que não mais se restringe aos modelos tradicionais, provocando outros movimentos para uma nova visão de mundo com outros valores e a consciência histórica que nos afasta de qualquer projeto globalizante.

As vivências da comunidade estão lastreadas em princípios e valores humanos que consideram a vida, o corpo e a ancestralidade na interdependência entre o *ser* e o que pode ser considerado vida no planeta e tudo que se move como uma teia dinâmica em todas as direções. Inspirados nos princípios básicos que regem a convivência na comunidade, encontramos outros paradigmas para compreender nossas vivências como forma de educação na vida. Educação como possibilidade quando se oportuniza aprender pela necessidade de ser no contexto comunitário, valendo-se dos acontecimentos cotidianos considerados na sua extraordinariedade.